

Aproximações entre “O Fascismo Eterno” e a “era” Bolsonaro

Nilton Batista Leite¹

Introdução

Talvez seja exacerbado falar em “era” Bolsonaro considerando sua ascensão ao cargo de presidente da República Federativa do Brasil há pouco mais de um ano. Todavia, a noção de espaço-tempo se torna nebulosa quando se agoniza diante de descalabros cotidianos e ataques os mais diversificados aos direitos humanos e sociais.

O significado sociopolítico da eleição bolsonarista, decerto, somente será compreendido em sua plenitude em tempos vindouros. Contudo, no tempo presente, as mudanças em curso no país, ao mesmo tempo em que explicitam reviravoltas estruturantes (principalmente no que concerne a comportamentos e atitudes fascistas, ao controle ideológico persistente e a uma guerra cultural avassaladora através das novas tecnologias de informação e comunicação), também permitem a tomada de consciência e impulsionam a projeção de estratégias de luta e resistência ao processo de fascistização.

O Brasil, de fato, atravessa tempos sombrios de desgoverno, de corrosão da democracia liberal, de recrudescimento do autoritarismo que contém o gérmen do fascismo no Brasil, de ativismo ideológico camuflado no discurso de luta contra a corrupção política e moral e de açodamento dos conflitos sociais potencializando a polarização da sociedade e tirando o foco das crises econômicas cíclicas intrínsecas ao capital. Uma análise científica realista, diante dos dilemas enfrentados na atualidade e das dificuldades impostas pelo novo regime político para cidadão considerados divergentes, invariavelmente cairá no pessimismo.

Neste contexto, objetiva-se realizar uma aproximação entre o fascismo registrado nos anais históricos e o processo de fascistização brasileiro em curso. Para a consecução de tal objetivo, sistematizou-se o desenvolvimento do artigo em duas partes: primeiramente uma abordagem das características presentes no fascismo a partir de sistematização elaborada por Umberto Eco e, na sequência, uma análise aproximativa entre o Brasil da “era” Bolsonaro e os traços marcantes do regime fascista, utilizando-se de fontes jornalísticas diversas.

Considerações acerca do fascismo histórico

Historicamente, inúmeros pensadores dos mais diversos matizes teórico-metodológicos se debruçaram sobre o tema do fascismo, redigindo milhares de páginas com interpretações as mais distintas. Trata-se de assunto extremamente complexo apesar de, por vezes, devido à naturalização em decorrência da

¹ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Toledo. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócios pela UNIOESTE *campus* de Toledo. Doutorando em História pela UNIOESTE *campus* de Marechal Cândido Rondon.

popularização de seu uso, aparentar simplicidade. Contudo, sua efetiva compreensão é de alta relevância ante a tarefa de resistência e luta. Conforme adverte Konder, “*esse uso exclusivamente agitacional pode impedir a esquerda, em determinadas circunstâncias, de utilizar o conceito com o necessário rigor científico e de extrair do seu emprego, então, todas as vantagens políticas de uma análise realista e diferenciada dos movimentos das forças que lhe são adversas*”².

Contribuindo com a discussão da temática do fascismo, em 25 de abril de 1995, o professor, filósofo e escritor italiano Umberto Eco, autor de clássicos como “O Nome da Rosa” (1980) e “Como Se Faz Uma Tese” (1995), participou como conferencista de um simpósio organizado pela Columbia University nos EUA. Sua palestra foi publicada posteriormente em junho do mesmo ano, pela The New York Review of Books, com o título “Fascismo Eterno”.

Proferida no contexto do *atentado de Oklahoma*³ e da “descoberta” da existência da *alt-right*⁴ (abreviação de *alternative right*), a palestra propiciou uma vigorosa reflexão histórica antifascista, tema que assumia contornos dramáticos tanto nos EUA, quanto no mundo, possibilitando, para além da análise de conjuntura, a coalizão de uma resistência mundial, que, observada extemporaneamente, mostrou-se ineficaz ante a estruturação da sociedade subsumida ao capital: “*desde que exista o controle monopolista da economia, a possibilidade do fascismo é sempre real*”⁵.

Segundo Eco, “*o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições*”⁶. Tanto é verdade que, ainda hoje, o fascismo se confunde com diversos regimes

² KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 04.

³ “Boom. Explode o prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City. O ano é 1995 e em 19 de abril os EUA presenciam estarrecidos o caso mais chocante de terrorismo doméstico. O atentado provocado por Timothy McVeigh, jovem de 27 anos com fortes ligações a milícias paramilitares autodenominadas patriotas, explode o prédio do governo federal matando 167 pessoas e ferindo outras 650. Fervoroso militante, McVeigh decide pelo atentado como forma de protesto contra o que acreditava ser o prelúdio da instauração de uma Nova Ordem Mundial, teoria segundo a qual a soberania norte-americana seria posta em xeque pela imposição de um sistema coletivo liderado pela ONU”. POGGI, Tatiana. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. 437 f. Niterói, 2012.

⁴ No Brasil, talvez a tradução mais apropriada seja “nova direita” ou “novas direitas”, organizadas durante o período dos governos Lula e Dilma (2003 – 2016), época em que, “surgiram na internet fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades (principalmente na extinta rede social Orkut e, posteriormente, no Facebook) em que se discutiam temas relacionados ao livre-mercado, à defesa de valores cristão e à conjuntura política nacional e internacional”. GALLEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política – a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 49. De acordo com CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Expressão Popular, 2018, p. 27, “Multiplicando-se em uma extensa gama de aparelhos de difusão, os pressupostos da economia de mercado e de valores conservadores e/ou reacionários ganham capilaridade e penetração nos mais distintos meios, adquirindo ressonância em diferentes espaços da vida social, estruturando e inaugurando o que se convencionou chamar de a “nova direita” no Brasil”.

⁵ NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 194.

⁶ ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 32.

políticos distantes de seu escopo ideológico. Trata-se de conceito adaptável a inúmeros contextos porque, portador de uma multiplicidade de aspectos, mesmo com a eliminação de alguns deles, ainda assim, o regime fascista mantém seus fundamentos.

Em *O Fascismo Eterno*, o autor enumera 14 características comuns ao fascismo. Escreveu ele:

A despeito dessa confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista⁷.

O primeiro aspecto do fascismo, trata-se do *culto à tradição*. Para os fascismos e movimentos pré-fascistas, a verdade está dada há muito tempo, necessitando apenas ser revelada, geralmente por seres “iluminados”, além da necessidade de fidelidade cega de seus seguidores.

O tradicionalismo é tido como um manual na disputa travada pelo fascista em prol da hegemonia sobre o povo em geral, desembocando de forma facilitada nas práticas fundamentalistas estandartizadas na história mundial.

Uma análise dos movimentos fascistas e seus programas ideológicos permite inferir que este é sustentado por pensadores tradicionalistas e, de certa forma, sincretistas, que testam combinações esdrúxulas de escritos, escritores, e outros agentes sociais, muitas vezes antagônicos, na tentativa de sustentar seus delírios conceituais com apelos conservadores e ao mesmo tempo extremistas.

Em segundo lugar, situa-se a *recusa da modernidade*, enquanto consequência do tradicionalismo anterior, recusa esta mais em termos de valores espirituais do que em termos utilitários. Manifesta-se uma verdadeira ojeriza ao modernismo. Consequentemente, as conquistas de direitos humanos e sociais são consideradas como perversão da “ordem natural” fetichizada pelo capital.

Neste sentido, “a *recusa do mundo moderno era camuflada como condenação do modo de vida capitalista, mas referia-se principalmente à rejeição do espírito de 1789 (ou de 1776, obviamente). O iluminismo e a idade da razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo pode ser definido como ‘irracionalismo’*”⁸.

Na terceira posição, figura a veneração da *ação pela ação*, o irracionalismo irrestrito. A ação, autossuficiente, bela em si e por si, deve ser praticada sem qualquer reflexão prévia. Fazer e agir devem estar na dianteira. Pensar é uma forma de autocastração. Daí a suspeição à cultura e tudo aquilo visto como crítico e intelectualizado, pois, no universo paralelo da ação em si, todo intelectual é culpado de sedição e de destruição dos valores clássicos: ocidentais judaico-cristão.

⁷ Idem, p. 44.

⁸ Idem, p. 47.

Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “porcos intelectuais”, “cabeças-ocas”, “esnobes radicais”, “As universidades são um ninho de comunistas”, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. Os intelectuais fascistas oficiais estavam empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais⁹.

A quarta idiossincrasia do fascismo é o entendimento de que *o desacordo é traição*. Os homens e mulheres devem agir como máquinas em harmonia aos princípios e valores tradicionais, sem questionamentos, principalmente se forem endereçados aos líderes. O espírito crítico, tão importante no progresso humano, tem as distinções como parte de seu método. Distinguir, vocifera Eco, é um símbolo da modernidade e, portanto, inaceitável para o fascismo.

Neste contexto da cultura moderna, a comunidade científica se utiliza dos desacordos enquanto instrumento para o progresso do saber, prática diametralmente oposta ao fascismo na qual o desacordo é entendido como deslealdade que, por sua vez, é passível de punição.

Em quinto lugar, Eco pontua *o racismo*. Relacionando-o – o racismo – à oposição pungente que o fascismo faz aos desacordos (vistos como sinal de diversidade), verifica-se o viés do regime fascista em direção à homogeneidade: busca-se o consenso a todo custo, excluindo-se aquilo que é diferente, que é intruso, que não foi “convidado” para o convívio. São apelos explicitamente racistas.

O fascismo explora o racismo em sua essência, o medo em relação ao diferente e a indiferença até mesmo em relação ao semelhante, potencializando deste modo a busca pelo consenso. Expulsa-se os divergentes, bloqueia-se o acesso aos questionadores da ordem, e não se convida à participação os diferentes. Consequentemente, o fascismo é fundamentalmente xenofóbico e racista. Sua lógica de aglutinação dos iguais e exclusão dos “incompatíveis” resulta, no decorrer do tempo, na identificação destes últimos enquanto representação daquilo que é maléfico para a sociedade e, consequentemente, em sua perseguição e extermínio.

Na sequência, *o apelo às classes médias frustradas* é mencionado por Eco. Um dos traços inatos ao fascismo histórico sempre foi o apelo a uma classe média frustrada. Diante das metamorfoses do mundo do trabalho e das crises econômicas cíclicas inerentes ao capital¹⁰, de modo especial, a pequena burguesia sofre os efeitos dos períodos de recessão com a diminuição da taxa de lucro e a piora das condições de sobrevivência (pessoal, familiar e de empreendimento), e acaba, por conta disto, abrigando sentimentos de humilhação política e de impotência diante do quadro socioeconômico desfavorável, bem como se retraindo diante das pressões crescentes dos grupos sociais subalternos também descontentes com a voracidade do capital.

⁹ Idem, p. 49.

¹⁰ “A forma de produção capitalista é contraditória e não consiste num contínuo crescimento da riqueza. Existem ciclos de crescimento e recessão inerentes a esse sistema”. FALEIROS, Vicente de Paula. *O que é Política Social*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Gramsci, consciente desta característica do fascismo, escreveu em 2 de janeiro de 1921 que *“a pequena burguesia, que perdeu definitivamente qualquer esperança de reconquistar uma função produtiva (...) busca de todos os modos conservar uma posição de iniciativa histórica: ela macaqueia a classe operária, também faz manifestações de ruas”*¹¹.

Também corrobora com esta tese Calil ao afirmar que *“uma das características fundamentais do fascismo, em suas distintas experiências históricas, é o fato de que embora se constitua como expressão dos interesses do grande capital (como as políticas concretas dos regimes fascistas comprovam fartamente), sua ascensão é impulsionada fundamentalmente por setores intermediários, muito especialmente a pequena burguesia”*¹².

Portanto, aproveitando-se das frustrações individuais ou coletivas, o fascismo arregimenta grupos que se tornam verdadeiros prestadores de serviços, soldados que não medem esforços para consecução dos objetivos do regime, mesmo que, para tal, sejam necessárias rupturas democráticas e o apelo veemente à violência.

Na sétima posição, encontra-se *a obsessão da conspiração*. O fascismo, através do medo, mantém um constante estado de vigilância aos seus asseclas, buscando impô-lo, da mesma forma, à população em geral. O Estado de sítio propicia a adoção de medidas extremistas e do monopólio e centralização das decisões, sob o signo da segurança nacional, enquanto estratégia de combate ao inimigo comum elencado. Segundo Eco, *“o modo mais fácil de fazer emergir uma conspiração é fazer apelo à xenofobia”*¹³. A aversão “aos de fora”, tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista político, sejam eles judeus ou comunistas, sempre ensejou a construção de narrativas conspiratórias que justificassem e inspirassem sua perseguição.

Conforme Konder, não obstante *“sua fragilidade intrínseca, o mito fascista da nação mostrou-se eficiente: brandindo-o exaltadamente, o fascismo conseguiu recrutar adeptos em todas as classes sociais (inclusive nas classes que nada teriam a lucrar com a sua política)”*¹⁴.

A oitava característica do fascismo, trata-se de sua incapacidade constitucional em avaliar objetivamente o inimigo. *“Assim, graças a um contínuo deslocamento de registro retórico, os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais”*¹⁵. Os seguidores do fascismo devem, por conta desta oscilação retórica, sentirem-se, ao mesmo tempo, *“humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo”* e *“convencidos de que podem derrotá-lo”*¹⁶.

¹¹ GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 31.

¹² CALIL, Gilberto Grassi. *Percursos do fechamento político no Brasil atual*. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2019/03/20/percurso-do-fechamento-politico-no-brasil-atual/>>. Acesso em: 15 Nov. 2019.

¹³ ECO, *op. cit.* p. 51.

¹⁴ KONDER, L. *op. cit.* p. 14.

¹⁵ ECO, *op. cit.* p. 52.

¹⁶ ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Esta característica revela uma das tantas fraquezas do fascismo, qual seja, sua inabilidade avaliativa, estando sempre condenado, em algum momento, a perder suas batalhas, seja pela supervalorização, seja pelo menosprezo aos adversários.

Outro aspecto do fascismo é o anti-pacifismo. Para o fascismo, “*o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente*”¹⁷. Não existe luta pela vida no fascismo, pelo contrário, a vida deve ser vivida para lutar. Num contexto de guerra permanente, não se luta por direitos humanos universais, por vida (com qualidade), por igualdade, por liberdade. Apenas se luta, invariavelmente, intermitentemente, pela simples lógica irracional da *ação pela ação*.

O fascismo é organicamente um culto à violência, a qual, por sua vez, trata-se de uma de suas regras de ouro. Buscar a paz, denota fraqueza e não passa de discurso de comunistas. Trata-se de uma espécie de darwinismo social, que apregoa a vitória dos mais fortes, dos mais aptos, geralmente aqueles que portam armas e fuzis.

Nesta mesma lógica de sobrevivência dos mais aptos, situa-se o décimo traço distintivo do fascismo: o desprezo pelos fracos. “*O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto fundamentalmente aristocrática. No curso da história, todos os elitismos aristocráticos e militaristas implicaram o desprezo pelos fracos. O Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um ‘elitismo popular’*”¹⁸.

O fascismo propaga o discurso nacionalista e de naturalização das castas/hierarquias, de pertencimento ao melhor povo do mundo (discurso ao povo), da exclusividade do partido e dos membros enquanto líderes natos por serem os melhores cidadãos, aumentando a competitividade interna entre os cidadãos na busca de “um lugar ao sol” dentro do partido, inclusive levando muitos a conspirarem contra amigos e parentes se preciso.

O líder fascista, ciente de sua assunção ao poder através da força diante da fraqueza das massas, naturaliza sua administração como necessária para a condução do povo e sua unificação, interpondo-se como intérprete do povo ou mesmo sua voz, exercendo poderes plenos de ordem executiva, legislativa e judiciária, apesar da existência formal da separação dos poderes.

Desprezam-se as massas e suas requisições, validando-se apenas as direções propostas pelo líder e seus asseclas mais próximos, ratificando-se a violência institucionalizada. “*Dado que o grupo é organizado hierarquicamente (segundo um modelo militar), qualquer líder subordinado despreza seus subalternos e, por sua vez, cada um deles despreza os seus subordinados. Tudo isso reforça o sentido de um elitismo de massa*”¹⁹.

Na décima primeira posição, Eco destaca que no fascismo, *cada um é educado para tornar-se um herói*. Na ideologia fascista, a regra é o heroísmo, o restante, fraqueza irrelevante. Cultua-se a morte e o heroísmo de forma conjunta.

¹⁷ ECO, *op. cit.* p. 52.

¹⁸ Idem, p. 53.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

Para a gente normal, a morte é desagradável, mas é preciso enfrentá-la com dignidade; para os crentes, é um modo doloroso de atingir a felicidade sobrenatural. Mas o herói Ur-Fascista, ao contrário, aspira à morte, anunciada como a melhor recompensa para uma vida heroica. O herói Ur-Fascista espera impacientemente pela morte. Note-se, porém, que sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros²⁰.

Portanto, o cidadão fascista não deve apenas viver para lutar sem medo da morte. Deve ir além, ansiá-la. O herói existe em todas as mitologias, enquanto ser notável que não teme morrer e doa sua vida em defesa de outrem. Diferentemente, o herói fascista aspira a morte, mas, geralmente, é o responsável pelo homicídio de muitos.

Em seguida, Eco lista o *machismo* como característica do fascismo. Mas não se trata de machismo “raiz”, de misoginia pura. O machismo, para além das implicações misóginas, implica ao mesmo tempo um desdém e intolerância a hábitos sexuais fora do padrão, indo desde a castidade, perpassando a homossexualidade.

Diante das agruras do constante estado de guerra e dos desgastes nas demonstrações públicas de heroísmo, o machismo se apresenta como uma virtude, passível de potencializar as relações de poder, principalmente no que concerne à questão sexual. “*O fascismo (...) permitiu que uma multidão informe cobrisse com um verniz de idealismo político vago e nebuloso o transbordamento selvagem das paixões, dos ódios, dos desejos. O fascismo tornou-se assim uma expressão de nossos costumes, identificando-se com a psicologia bárbara e antissocial*”²¹.

O machismo fascista não se contenta em sua autoafirmação, sendo intolerante e ativista em questões sexuais. As manifestações de patriarcalismo são embebidas na intolerância cega com aquilo que se considera divergir do “padrão natural”. Não há lugar para a liberdade em termos sexuais e de identidade de gênero. Trata-se, talvez, de um dos aspectos deletérios mais pujantes do fascismo.

A penúltima característica do fascismo pontuada por Umberto Eco, alude ao *populismo qualitativo*.

Em uma democracia, os cidadãos gozam de direitos individuais, mas o conjunto de cidadãos só é dotado de impacto político do ponto de vista quantitativo (as decisões da maioria são acatadas). Para o Ur-Fascismo, os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum”. Como nenhuma quantidade de seres humanos pode ter uma vontade comum, o líder se apresenta como seu intérprete²².

Esta, possivelmente, seja uma das características mais perigosas e nocivas à saúde das democracias, legada pelo fascismo. Quando um indivíduo se apresenta como síntese ou personificação da vontade popular, incitando a derrocada do

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ GRAMSCI, *op. cit.* p. 57.

²² ECO, *op. cit.* p. 55.

parlamento ou da justiça, vivencia-se, certamente, ares fascistas em seu arroubo pela tomada e centralização do poder.

E por fim, a décima quarta característica do fascismo tem que ver com sua forma de comunicação através da “*novilíngua*”²³. Trata-se de invenção de George Orwell em sua obra de ficção intitulada “1984”. A *novilíngua* ou *novafala*²⁴ foi constituída para simplificar o processo de comunicação paralelamente ao controle ideológico dos discursos. De acordo com Eco, “*todos os textos escolares nazistas ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico*”²⁵. Percebe-se, novamente, o culto à irracionalidade, à ignorância, ao pragmatismo dócil.

Recrudescimento do fascismo no Brasil

De acordo com Leandro Konder, em seu livro “Introdução ao Fascismo”, a emergência do fascismo

pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro²⁶.

²³ “Muitos termos pareciam meras abreviaturas; entretanto, seu teor ideológico derivava de sua estrutura e não de seu significado. Eram palavras curtas, sem equivocidade, as quais podiam ser pronunciadas rapidamente, com a menor repercussão na mente do falante. Visava-se à alteração do significado, eliminando associações relacionadas à palavra, de modo que o falante a pronunciasse quase sem pensar, sem ser chamado a refletir. Sem sinonímia, com pouquíssimos vocábulos para se escolher, cada redução era um ganho, pois menor era a tentação de refletir quanto mais exígua fosse a área de escolha (...) Com o número de palavras cada vez mais reduzido, seus significados cada vez mais restritos e a possibilidade de usar imprópria uma palavra cada vez menor, para uma pessoa que crescesse com a novilíngua, haveria crimes que estariam além da capacidade dos homens de cometê-los, pois se não tinham nome, eram inimagináveis e, portanto, não podiam existir. Por causa do corte de palavras, haveria uma intraduzibilidade e uma ininteligibilidade da literatura, a qual poderia ter apenas uma tradução ideológica, o que significava uma alteração de sentido e de linguagem”. CASTRO, Juliana de Miranda e. *A atualidade da novilíngua*. Psyche (São Paulo), São Paulo, v.12, n.22, p.113-124, jun. 2008. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 mar. 2020.

²⁴ “A Novafala era o idioma oficial da Oceânia e fora concebido para atender às necessidades ideológicas do Soving, ou Socialismo Inglês (...). O objetivo da Novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do Soving, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento. A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e esquecida a Velhafala, um pensamento herege – isto é, um pensamento que divergisse dos princípios do Soving – fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que pensamentos dependem de palavras para ser formulados”. ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 347-348.

²⁵ ECO, op.cit, p. 58-59.

²⁶ KONDER, op. cit. p. 21.

O Brasil, com suas idiossincrasias, e com seu histórico de regimes autoritários, na atualidade, apresenta condições propícias para a germinação da semente de um movimento fascista: desde o golpe de 2016 e as eleições de 2018, houve uma guinada à direita no campo ideológico e dos costumes, além do recrudescimento de movimentos de extrema-direita e grupos milicianos.

Pensando neste contexto, em comunicação com as características do fascismo apresentadas no tópico anterior, passa-se a analisar a realidade brasileira e as aproximações existentes entre o percurso político-ideológico adotado na atualidade e sua verossimilhança com algumas das características do fascismo histórico apontadas por Eco, utilizando-se também do auxílio de algumas fontes jornalísticas.

1. Culto à tradição

Talvez uma das principais características do bolsonarismo, o conservadorismo é encampado pelo “mito” desde a época em que exercia mandato de deputado federal, fazendo parte do *baixo clero* do congresso nacional. Bolsonaro construiu uma imagem de cristão devoto e defensor dos valores da família tradicional, colocando-se como apoiador do “cidadão de bem” e contra o mito da “ideologia de gênero”.

Na atualidade, essa evocação à tradição se explicita de forma incontestável através da tentativa de criação do partido reacionário Aliança Pelo Brasil, cujos pilares defendidos são *Deus, pátria e família*, inspirados em uma tradição integralista²⁷. Afirma-se a necessidade de uma aliança, leia-se nas entrelinhas, uma superação das contradições entre classes, para garantir o respeito ao tripé que sustenta a sociedade, o mesmo defendido pelo partido. Conforme informações do próprio site, o partido se baseia

na verdade, na transparência, na ética e sob a liderança de Jair Bolsonaro, vamos construir juntos, com coragem, patriotismo e conservadorismo, um movimento que marcará para sempre a política nacional e será uma trincheira na defesa dos valores judaico-cristãos, da soberania nacional, da democracia e do empreendedorismo como mola propulsora da nossa economia²⁸.

Portanto, não é coincidência o fato de, na condição de presidente, Bolsonaro estar defendendo a ruptura do Estado laico, projetos antipedagógicos como o “escola sem partido”, além de usar como *slogan*, durante a campanha e durante o período de mandato em andamento, a frase “Deus acima de todos”, além de, seja oportuno ou não, fazer referência à família tradicional em contraposição à “ideologia de gênero”.

²⁷ CALIL, Gilberto. “Pode o fascismo ser neoliberal? Um precedente do integralismo brasileiro. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2018/09/25/pode-o-fascismo-ser-neoliberal-um-precedente-do-integralismo-brasileiro/>.

²⁸ www.aliancapelobrasil.com.br.

Um de seus principais ideólogos é Olavo de Carvalho²⁹, para quem, “*a total erradicação da mentalidade revolucionária é a condição essencial para a sobrevivência da liberdade no mundo*”. Sem citar fontes históricas e números aproximados, como na maior parte das falácias, Olavo tenta emplacar esta mentalidade revolucionária como o maior flagelo da humanidade.

2. Recusa da modernidade

O bolsonarismo enquanto ideologia, firma-se num irracionalismo constante, em artimanhas irresponsáveis, para atingir seus objetivos, totalmente descolado do acúmulo científico humano. Antes mesmo de assumir o poder, esta ideologia protofascista já indicava o desprezo pela cultura e pela história humana e o que sobreviria ao país, em caso de sucesso eleitoral do “Messias”. Em 04 de setembro de 2018, após o incêndio do Museu Nacional, Bolsonaro afirmou: “*Já está feito, já pegou fogo. Quer que eu faça o que?*”³⁰.

Se o prelúdio tinha tons de dramaticidade, o que veio depois, apenas confirmou o óbvio: o ódio pela academia, principalmente pelas ciências humanas, com ações ativas no sentido de desincentivo estatal para a área. Em seu primeiro ano de mandato, Bolsonaro se envolveu em diversas polêmicas, utilizando-se de retóricas falhas e muitas falácias em sua forma de se comunicar. Literalmente se *masturbando com as palavras*³¹, fazendo empréstimo de uma alusão gramsciana à Mussolini. Algumas entrevistas concedidas pelo “capitão”, demonstram seu descrédito para com a ciência.

Em 19/07/2019, Bolsonaro afirmou: “*Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal, não come bem. Ai eu concordo. Agora passar fome, não. Você não vê gente pobre pelas ruas com físico esquelético como a gente vê em alguns outros países por aí pelo mundo*”³². Na mesma data, tratando de outro assunto, também repercutiu a seguinte fala referindo-se aos dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) que indicavam aumento significativo da destruição da Amazônia: “*Estou convencido de que os dados de desmatamento são mentira*”³³.

Mas talvez o ápice do irracionalismo bolsonarista, seja a forma como o governo tem tratado a pandemia do coronavírus, iniciando com o negacionismo, perpassando uma minimização da problemática como uma “gripezinha”, espalhando *fake news*, jogando a culpa na imprensa, falando que brasileiro cai no esgoto e não acontece nada, e, por fim, reconhecendo a pandemia, mas dizendo que os estragos serão maiores, caso não se adote o isolamento vertical (em contraposição à Organização Mundial da Saúde e ao Ministério da Saúde), por conta do caos econômico posterior de desemprego em massa, além de praticamente recomendar o

²⁹ <http://olavodecarvalho.org/principios-de-uma-politica-conservadora/>.

³⁰ <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/04/ja-esta-feito-ja-pegou-fogo-quer-que-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-incendio-no-museu-nacional.ghtml>.

³¹ GRAMSCI, *op. cit.* p. 70.

³² <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.ghtml>.

³³ https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/02/politica/1564759880_243772.html.

uso da Hidroxicloroquina, como fármaco milagroso na cura da doença, causando instabilidade e pânico sem precedentes no país.

3. Ação pela ação

Neste pouco mais de um ano de mandato, tornaram-se corriqueiras as seguintes expressões: Bolsonaro recua; Bolsonaro volta atrás; governo desiste; governo recua; governo volta atrás. Trata-se de um governo que, evidentemente, prega a tecnocracia enquanto ideal e entrega na “vida real” resultados socioeconômicos. Comumente, fala-se (sem pensar), causa-se apreensão na sociedade, e, por fim, volta-se atrás para supostas maiores discussões da “equipe” governamental.

Conforme documentado pela mídia, somente nas duas primeiras semanas de mandato, o governo recuou 12 vezes³⁴ daquilo que havia proposto, evidenciando, indubitavelmente, uma gestão despreparada, sem planejamento, que age por impulso e reflexos.

4. Racismo

Muitas são as formas de racismo apregoadas e praticadas pelo bolsonarismo. Seja contra pessoas de ascendência oriental³⁵, estrangeiros, nordestinos³⁶, indígenas e pessoas negras, o bolsonarismo caminha na contramão dos direitos humanos, no que concerne à concepção formal burguesa de igualdade.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) versa em seu artigo 2º que todos os homens “*podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação*”³⁷.

Porém, apesar do regramento universal acerca dos direitos do ser humano e do fato de o Brasil ser signatário deste pacto pós-guerra, inclusive com a previsão constitucional brasileira do racismo enquanto crime inafiançável, o fascismo brasileiro tem se afirmado e se imposto, transformando a ilegalidade na única coisa legal³⁸. Exemplo disto se deu em 05 de abril de 2017, quando Jair Bolsonaro, até então pré-candidato à presidência da república, em palestra proferida no Clube Hebraica, fez a seguinte declaração: “*Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles*”³⁹. A mesma piada foi

³⁴ <https://aosfatos.org/noticias/governo-bolsonaro-tem-12-recuos-em-duas-semanas/>.

³⁵ <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-faz-piada-com-oriental-tudo-pequeninho-ai-veja-video-rv1-1-23668287.html>.

³⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/daqueles-governadores-de-paraiba-o-pior-e-o-do-maranhao-diz-bolsonaro.ghtml>.

³⁷ <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>.

³⁸ GRAMSCI, *op. cit.* p. 85.

³⁹ <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>.

posteriormente utilizada, na condição de presidente da república, contra um apoiador de seu governo⁴⁰.

Estas atitudes criminosas, ancoradas no racismo estrutural brasileiro, que por sua vez, tem como fiador uma ideologia de supremacia racial, demonstrou a aproximação do governo com uma das características fascistas mais cruéis, responsável, esta sim, por genocídios.

5. Apelo às classes médias frustradas

Da mesma forma que todas as nações subsumidas ao capital internacionalizado, a economia brasileira tem enfrentado diversas crises cíclicas. Some-se o descontentamento de uma classe média⁴¹ frustrada em seus objetivos de progressão de *status* social, às denúncias recorrentes de corrupção governamental, a “equiparação para baixo” com as classe menos abastadas diante da perda de poder aquisitivo, cria-se um enorme agrupamento social ressentido, sedento por mudanças de direção político-econômica de cariz ultraliberal e desprovido de liderança, propiciando o (re)surgimento de um certo messianismo.

Bolsonaro soube ocupar com primazia este vácuo de liderança e desempenhar seu papel messiânico⁴². Dialogando diretamente com a classe média, conseguiu cativá-la, com o uso massivo das redes sociais, apresentado um “plano de governo”⁴³, cujo título, coincidentemente era, “O caminho da prosperidade”. Fez propostas direcionadas a este grupo com enfoque na segurança pública, no combate à corrupção, na desburocratização, na redução de tributos, na extirpação do fisiologismo político, no incentivo ao empreendedorismo, dentre outras, as quais, até a presente data.

6. Obsessão da conspiração

Diante deste cenário distópico, politicamente conturbado e economicamente instável, propicia-se o surgimento de teorias da conspiração e de soluções messiânicas. Sempre em períodos agitados, em momentos de insatisfação popular

⁴⁰ <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-evento-de-partido-bolsonaro-diz-que-apoiador-negro-esta-com-8-arrobas/>.

⁴¹ “O discurso renovado da meritocracia veio a calhar sobretudo para as classes médias, que se viam às voltas com seu eterno receio de perder a diferença em relação aos mais pobres”. GALLEGÓ, Esther Solano (Org.). *O ódio como política – a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 22.

⁴² “Essa cultura orientada mais para o Estado do que para a representação é o que chamamos de “estadania”, em contraste com a cidadania. Ligada à preferência pelo Executivo está a busca por um messias político, por um salvador da pátria. Como a experiência de governo democrático tem sido curta e os problemas sociais têm persistido e mesmo se agravado, cresce também a impaciência popular com o funcionamento geralmente mais lento do mecanismo democrático de decisão. Daí a busca de soluções mais rápidas por meio de lideranças carismáticas e messiânicas. Pelo menos três dos cinco presidentes eleitos pelo voto popular após 1945, Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Fernando Collor, possuíram traços messiânicos. Sintomaticamente, nenhum deles terminou o mandato, em boa parte por não se conformarem com as regras do governo representativo, sobretudo com o papel do Congresso” CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 221-222.

⁴³ http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf.

generalizada, emergem explicações paranoicas da realidade e respostas que perpassam o messianismo, as quais são acolhidas com simpatia pelos descontentes. “*O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte*”⁴⁴.

Uma teoria da conspiração que tem sido aventada insistentemente é a do “marxismo cultural”, inclusive citada no plano de governo de Bolsonaro⁴⁵, a qual, seria, supostamente, uma maquinação comunista internacional de tomada do poder por meio da aculturação aos valores socialistas, além da consequente destruição dos valores ocidentais judaico-cristãos, valores estes burgueses, incorporados como valores de identidade nacional no Brasil. A insanidade ou mediocridade é tal que, até mesmo jornais como a Folha de São Paulo, nitidamente fora do escopo ideológico de esquerda, são perseguidos e criticados por sectários do grupo que assumiu o poder, por conta do não alinhamento ideológico de alguns de seus valores, como conspiradores.

O chavão “bolsonarista”⁴⁶ propagado até no exterior com adaptação vergonhosa nos EUA⁴⁷, “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”, busca encampar a ideia de patriotismo e nacionalismo, quando na realidade, o que se observa, é a defesa dos interesses do próprio clã.

Em termos ideológicos, Jair Bolsonaro enquadra-se, com muita folga, em praticamente todas as características ideológicas que definem o fascismo (...). A única exceção é justamente o ultranacionalismo, haja visto liderar um governo explicitamente entreguista e submisso aos Estados Unidos nas diversas dimensões (econômica, cultural, geopolítica, etc.). Entendemos, no entanto, que isto não é suficiente para sustentar que Bolsonaro não seja fascista, haja visto que o fascismo na periferia do capitalismo desde o pós-guerra não mantém nenhum elemento efetivamente nacionalista (com exceção da instrumentalização primária do ufanismo mais tacanho)⁴⁸.

Considerações finais

O mundo vivencia um momento delicado do capitalismo que, por conta da redução das taxas de lucro, tem optado em alguns lugares pela saída autoritária. No Brasil, singularmente, a perda da vitalidade da democracia brasileira após o período de redemocratização se insinua do *Oiapoque ao Chuí*. Adentrou-se desde o *impeachment* de 2016, num perigoso caminho de desconstrução da democracia e dos poderes constituídos.

Após o golpe, a escalada autoritária, o recrudescimento de movimentos de extrema-direita e a vigilância e perseguição ideológica atingiram o auge: elegeu-se para presidir o país, uma figura caricata, chefe de um governo híbrido (civil-militar),

⁴⁴ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 401.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Na Alemanha nazista de Adolf Hitler, um dos lemas mais repetidos era “*Deutschland über alles*”, literalmente em português, “*Alemanha acima de tudo*”.

⁴⁷ <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-bordao,70002831775>.

⁴⁸ CALIL, Reflexões..., *op. cit.*

com uma agenda reacionária e fundamentalista. Apesar da existência da democracia formal, percebe-se uma espiral golpista pronta a usurpar o poder.

O fascismo está à porta, pronto para assaltar o poder. Pensando por uma perspectiva gramsciana, nada alentadora, o mesmo é de difícil extirpação.

E assim se justifica a tese comunista de que o fascismo enquanto fenômeno geral, enquanto flagelo que supera, com sua violência, com seus monstruosos arbítrios, com suas destruições tão sistemáticas quanto irracionais, só pode ser extirpado por um novo poder de Estado, por um Estado “restaurado” tal como o entendem os comunistas, ou seja, por um Estado cujo poder esteja nas mãos do proletariado, a única classe capaz de reorganizar a produção e, em consequência, todas as relações sociais que dependem das relações de produção⁴⁹.

Porém, apesar das dificuldades do percurso, crê-se que a esperança propicia o vigor necessário para a resistência antifascista. Caminhando por este viés, finaliza-se o presente artigo com uma citação famosa de Gramsci, forjada na experiência histórica: “*aumentou nosso pessimismo, mas é sempre viva e atual a nossa divisa: pessimismo da inteligência, otimismo da vontade*”⁵⁰.

Artigo recebido em 26.3.2020

Aprovado em 30.4.2020

⁴⁹ GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 58

⁵⁰ Idem, p. 43.